

Memórias mortas

By

Rafael Minari

Rafael Minari

minarirafael@gmail.com

CENA 1 - TELA PRETA - APENAS SOM

Inicia-se com uma tela preta e sons de máquinas fotográficas, flashes, pessoas falando, murmúrios, até que ouve-se a entrada de alguém que fará algum tipo de pronunciamento. A tela continua preta, as pessoas falando e os murmúrios cessam, passa-se a ouvir apenas uma voz de um homem que profere o seguinte discurso:

VOZ

Boa noite à todos da imprensa aqui presentes, responderei a todas as suas perguntas, mas antes gostaria de dizer que a polícia está trabalhando muito para conseguir encontrar a solução por trás desse crime que tem repercutido tanto entre todos os meios.

Sabemos da insatisfação popular em relação a grande onda de violência que estamos enfrentando e os escândalos envolvendo a instituição da polícia. Estamos passando por grandes reformulações e os anos oitenta serão divisores de águas para a força policial, separando as laranjas podres, sendo esse caso um marco da mudança e uma retomada da confiança popular e da mídia.

Abrimos agora para as perguntas...

CENA 2 - SALA DE INTERROGATÓRIO/SEQUENCIA DE MONTAGEM - INT. - NOITE

Uma sala pequena e claustrofóbica. Há uma atmosfera um tanto quanto misteriosa e obscura, talvez por conta da pouca luz do local e pela expressão absolutamente séria e fria do Delegado. Uma mesa de metal e uma cadeira em cada lado da mesa no local, o qual não possui nada além disso, para que a atenção seja voltada apenas para a situação ali apresentada.

Cada depoente faz seu depoimento ao delegado, um a um. Os primeiros são HELIO (38 anos), vizinho que mora ao lado do apartamento onde ocorreu o crime, e SEU IRANDIR (55 anos), o porteiro do prédio.

HELIO

Na hora que entrei mal pude
segurar o mal estar, mas consegui
(MORE)

(CONTINUED)

HELIO (cont'd)
olhar bem para aquilo. O cheiro
era horrível, tava quase
impossível ficar lá dentro.
Primeiro achamos o corpo do cara,
tava na sala em frente a um móvel
espelhado. Tinha bastante sangue
em tudo, mas já tava bem seco

SEU IRANDIR
Era uma cena horrorosa, dava pra
sentir o cheiro lá de fora. E
Dona Regina, pobre Dona Regina,
que Deus a tenha... tinha sangue
por tudo o que era lado

HELIO
Eu nunca tinha visto uma coisa
daquela, os dois sem a pele do
rosto, que depois vimos que tava
colocado em dois dos manequins
que tavam lá. Deve ser coisa de
algum maluco, tem tanto maluco
solto por aí hoje em dia mesmo

SEU IRANDIR
Não dava pra ver direito, mas
parecia que tinham cortado a
garganta deles, Deus que me
perdoe. Que coisa horrível! Me dá
uns calafrio quando lembro.

HELIO
A porta tava destrancada, por
isso nós três entramos... ninguém
aqui é arrombador ou criminoso
não!

SEU IRANDIR
O Helio já tava suspeitando de
alguma coisa estranha, aí fomos
ver o que tinha acontecido.
Chegamos e a porta tava
destrancada, batemos e entramos.

HELIO
Sim, estava suspeitando, não que
eu preste atenção na vida dos
outros, mas é que agora tô
desempregado, fico sempre em casa
e vi que fazia um tempo que não
ouvia barulho deles.

CENA 3 - CENA DO CRIME / FLASHBACK - SEQUÊNCIA DE MONTAGEM
- INT. - NOITE

Helio e Seu Irandir conversam num volume bem baixo e não se ouve direito o que estão dizendo, parecem estar falando algo sobre o apartamento 162 e planejam subir no local por estarem suspeitando de algo. Pegam o elevador e ao saírem no 16º andar já sentem o forte cheiro vindo do apartamento 162. DONA CERES (74 anos) do apartamento 164 olha a agitação por uma fresta de sua porta entreaberta.

Batem na porta, esperam um pouco e ao não serem atendidos giram a maçaneta, a qual está destrancada. Adentram no apartamento e dão de cara com EDUARDO LIMINSKI (23 anos), com a garganta cortada e sem a pele do rosto. Seu Irandir parece não acreditar no que vê e está perplexo. Helio parece tranquilo mesmo com toda a situação horrenda e perturbadora continuando a explorar o apartamento.

O local é muito cheio de objetos de todos os tipos, está bem sujo e desorganizado. Há tecidos e manequins montados e desmontados por toda parte, a luz é insuficiente no local, criando uma atmosfera de certo modo até sobrenatural com toda aquela acumulação de objetos de REGINA LIMINSKI (54 anos), a dona do apartamento.

Quando Helio entrou em um dos quartos se deparou com a mesma cena que havia se deparado quando viram o cadáver de Eduardo. Regina tinha tido o pescoço cortado e seu rosto estava sem pele, a qual estava posta em um manequim em pé ao lado do corpo. Helio chama para que venham ver o outro corpo. Seu Irandir está muito perturbado com a situação e sai do apartamento em direção ao telefone que fica na portaria a fim de ligar logo para a polícia ou qualquer autoridade.

CENA 4 - SALA DE INTERROGATÓRIO/SEQUENCIA DE MONTAGEM -
INT. - NOITE

Os interrogatórios continuam seguindo o mesmo esquema, onde um depoente de cada vez conta o que lembra e sua versão do que aconteceu no crime.

DONA CERES

Vi a hora que eles subiram e
bateram na porta do 162. O seu
Irandir sempre receoso com tudo,
o menino que tremia mais que tudo
e aquele outro sempre se achando
o máximo, sujeitinho
insuportável!

HELIO

Lembro de uns dias antes ter
ouvido umas discussões bem altas
vindas do apartamento

(CONTINUED)

DONA CERES

Sempre ouvia a televisão deles,
tinham o hábito de assistir num
volume que me incomodava muito

SEU IRANDIR

A Dona Ceres vivia interfonando
lá pra portaria pra falar do
barulho de todos os vizinhos,
cada dia era um... sempre mal
humorada... depois comecei a
achar que ela era carente, por
ser tão sozinha

HELIO

Eu saberia diferenciar o barulho
de uma televisão e de uma briga,
discussão, sei lá!

DONA CERES

Nesse dia aí mais ou menos que o
senhor tá falando me lembro
talvez de barulho de vozes
discutindo bem alto e depois um
silêncio... já era bem tarde. Ah,
aquela maldita TV!

HELIO

As vozes discutiam num volume
exaltado e nem parecia que
falavam português

DONA CERES

Depois de todo o barulho acho que
foram dormir e desligaram a TV...
deviam estar vendo algum filme em
outra língua

SEU IRANDIR

A Dona Ceres reclamava tanto, que
nesse dia que ela reclamou da TV
alta eu nem fui atrás... vai ver
nem era no apartamento da Dona
Regina o barulho

DONA CERES

O outro vizinho, amigo do
falecido, era barulhento, já o vi
bêbado e drogado várias vezes,
sempre estava com drogados iguais
a ele, cada dia um diferente e o
menino que morreu sempre tava
junto

CENA 5 - APARTAMENTO DOS LIMINSKI/RECONSTITUIÇÃO DELEGADO
- SEQUENCIA DE MONTAGEM INT. - NOITE

A cena do crime é vista sob a perspectiva do DELEGADO (35 anos), desde a sua entrada na cena do crime após a polícia ser acionada por Seu Irandir.

Observando tudo com muita atenção e cuidado, o delegado vai com o seu caderninho de anotações buscando qualquer detalhe da cena do crime que possa trazer alguma luz ao caso. Logo na entrada próximo a porta observa resto do que poderia ser vômito de alguém, algo que chamou sua atenção na cena do crime. Observa calmamente os detalhes do corpo de Eduardo, o qual fora parcialmente degolado e teve sua pele facial retirada com certa precisão cirúrgica e posta de maneira cuidadosa em um dos manequins que estavam ali perto. O corpo estava com as mãos próximas à área cortada no pescoço, como quem tivesse tentado estancar o sangramento.

Continuando sua exploração pela cena do crime, o Delegado encontra então o corpo de Regina, com as mesmas características do corpo de Eduardo. Porém, no quarto onde Regina fora encontrada havia sinais de uma possível resistência da vítima, pois o local encontrava-se com sinais de luta e uma tipo de desorganização diferente do resto da casa.

CENA 6 - SALA DE INTERROGATÓRIO/SEQUÊNCIA DE MONTAGEM -
INT. - NOITE

Mais depoentes são chamados para depor a fim de solucionar o caso. Buscando conhecer mais da vida e rotina das vítimas são chamados JOÃO PEDRO (25 anos), amigo e colega de Universidade de Eduardo, e ISADORA (28 anos), funcionária que trabalhava na loja de Regina.

JOÃO PEDRO

Conheci o Eduardo aqui no prédio logo que me mudei pra cá quando entrei na Universidade. Depois descobri que éramos do mesmo curso de artes

ISADORA

Eu ajudava em tudo na loja, Dona Regina parecia querer pouca gente trabalhando com ela, às vezes eu ficava sobrecarregada. Toda semana ela tirava uma quantia exata do caixa da loja e levava pra casa, e essa quantia não ia para o fechamento. Nunca entendi o porquê, mas também nunca perguntei

(CONTINUED)

SEU IRANDIR

Nunca vi os dois sorrindo. Entravam no prédio, davam bom dia, boa tarde ou boa noite e nunca passava disso. Mas apesar de serem isolados assim, pareciam se dar bem

HELIO

Nunca ouvi uma discussão entre os dois. Eram muito calados... o moleque entrava no elevador e só olhava para baixo, a mãe nunca passava dos cumprimentos. Um dia fui perguntar se tinham um fusível sobrando, porque tinha queimado em casa e eles nem abriram a porta. Achei estranho, talvez fossem malucos

ISADORA

A Dona Regina sempre foi uma pessoa muito reservada. Nunca falava nada, parecia sempre desconfiada de algo. Às vezes parecia uma pessoa bem infeliz, parecia sempre preocupada com tudo, até demais... principalmente com o filho dela. Ela ligava pro menino de hora em hora

JOÃO PEDRO

Se se davam bem? Que nada! Sempre via o Eduardo reclamando da mãe dele, que ela queria controlar toda a vida dele e tudo mais.

DONA CERES

O menino era quieto demais. Tinha uma aparência estranha, parecia estar com problemas de saúde, tinha olheiras e cara de quem não dormia bem

SEU IRANDIR

De vez em quando ia um senhor na casa deles. Não sei bem quantos dias por mês, mas deve ser umas 4 vezes ao mês. Chegava de roupa social e com uma maleta, ficava em torno de uma hora ou uma hora e meia no máximo, depois ia embora.

CENA 7 - APARTAMENTO DOS LIMINSKI/RECONSTITUIÇÃO DELEGADO
- SEQUENCIA DE MONTAGEM - INT. - NOITE

O Delegado continua sua busca por alguma prova na cena do crime. Seu olhar atento a cada detalhe é o que o diferencia dos demais policiais. Andando pela sala percebe a enorme bagunça e acúmulo de objetos, desde objetos de decoração até tecidos, roupas e manequins que deviam ser da loja de Regina. A sala onde o corpo de Eduardo fora encontrado está também tomada bagunça do ambiente, mal se vê espaço pelo lugar, não há aparelho de TV em lugar nenhum da casa, um item comum e até imprescindível culturalmente nas casas de classe média dos anos 80.

Todas as janelas da casa estavam fechadas, o que aumentava o fedor devido a decomposição dos corpos.

Os manequins encontravam-se espalhados pelo local, uns montados, outros desmontados, no entanto alguns pareciam estar dispostos de forma organizada, como um grande círculo, principalmente os próximos aos corpos. Havia marcas de sangue nos braços e mãos dos manequins.

O Delegado sempre prefere estar sozinho na cena dos crimes e não gosta de ser perturbado enquanto faz seu trabalho. Um policial que cuida do local o chama na porta do apartamento.

POLICIAL

Me mandaram avisar o senhor que a imprensa tá lá embaixo na entrada do prédio e que eles estão como cães raivosos querendo saber o que aconteceu. Parece que a população já tá especulando coisas sobre o que aconteceu, dizendo que não solucionaremos esse crime ou que não pegaremos o assassino antes que ataque de novo

O Delegado apenas balançou a cabeça e continuou seu trabalho.

CENA 8 - SALA DE INTERROGATÓRIO / SEQUÊNCIA DE MONTAGEM - INT. - NOITE

Um de cada vez os depoimentos continuam noite a dentro na sala de interrogatórios da delegacia de polícia.

DR. DAVI

Sim, a Dona Regina era muito desconfiada de tudo, sua fé na humanidade se fora há muito tempo

(CONTINUED)

HELIO

Eram tão isolados da sociedade
que não deviam ter nem amigos e
nem inimigos... nunca vi eles com
outras pessoas

SEU IRANDIR

Só saiam na hora do trabalho e
voltavam depois, nunca
viajaram... nunca vi eles com
outras pessoas, nem parentes e no
prédio eu controlo a entrada ou
saída, não vi ninguém diferente
esses dias

JOÃO PEDRO

O Eduardo dizia que a mãe dele
estava passando por momentos
difíceis. Dizia que alguém a
seguia às vezes

ISADORA

Uma vez a Dona Regina nos
dispensou e fechou a loja mais
cedo, dizendo que teve um
problema com o filho dela

CENA 9 - APARTAMENTO DOS LIMINSKI/RECONSTITUIÇÃO DELEGADO
- SEQUENCIA DE MONTAGEM - INT. - NOITE

Na cena do crime o Delegado encontra jóias e dinheiro guardado, os quais pareciam intactos. Nos quartos, tanto no de Regina quanto no de Eduardo foram encontrados muitos remédios para o tratamento de doenças psiquiátricas. Havia cartelas de comprimidos e muitos frascos vazios espalhados, assim como alguns cheios.

O Delegado a todo momento olhava no seu relógio, o tempo não estava a seu favor e qualquer minuto contava.

CENA 10 - SALA DE INTERROGATÓRIO/SEQUÊNCIA DE MONTAGEM -
INT. - NOITE

Dona Ceres está meio encolhida sentada na cadeira e fala de maneira rápida, sem paciência e objetiva. Dr. Davi fala pausadamente e calmamente, está sentado confortavelmente com as costas na cadeira e os braços na mesa.

DONA CERES

Me lembro sim de um homem vestido
com roupa social e com uma maleta
indo ao apartamento deles

(CONTINUED)

DR. DAVI

Sou o médico deles há mais de 7 anos, por isso me apresentei para ajudar na investigação.

JOÃO PEDRO

Eu sabia que ele fazia tratamento, mas ele nunca tinha falado nada sobre sua mãe também, apesar dos surtos dela que ele me contava

DR. DAVI

Eduardo era um jovem de inteligência fora do comum. De talento único, principalmente para as artes, mas sempre se viu apequenado pelo talento do pai

JOÃO PEDRO

Ele era uma espécie de prodígio do curso. Os professores o idolatravam, mas isso não era o bastante para seu ego artístico

DR. DAVI

O marido de Regina estava internado na clínica psiquiátrica há anos e acabou fugindo há duas semanas, mas não apresentava real perigo a ninguém.

Regina era filha única, seus pais já morreram e seus únicos parentes vivos moram em outro estado. Tanto ela quanto Eduardo ficaram muito abalados com a doença do pai e também estavam em tratamento comigo desde então

CENA 11 - APARTAMENTO DOS LIMINSKI/RECONSTITUIÇÃO DELEGADO
- INT. - NOITE

O Delegado vasculha com cuidado os objetos da cena do crime e vê prateleiras na sala com diversos tipos de livros, dentre esses o delegado vê livros didáticos que pareciam de nível avançados, dicionários e romances em polonês.

CENA 12 - SALA DE INTERROGATÓRIO/SEQUÊNCIA DE MONTAGEM -
INT. - NOITE

João parece meio nervoso pela sua feição, mexe-se a todo momento e suas pernas estão inquietas. Helio fala de um jeito malandro, como quem tem certeza absoluta do que fala

(CONTINUED)

e está sentado com as costas encostadas na cadeira, mas sem postura e de braços cruzados. Seu Irandir tem uma postura como a de alguém que está num confessionário, curvado para frente, com os braços apoiados na mesa, alterando o tom de voz às vezes.

JOÃO PEDRO

Não, eu não estava em casa nesse dia... nem tinha falado com o Eduardo havia uns dois ou três dias

HELIO (EM TOM DEBOCHADO)

O garoto não aguentou a pressão e assim que viu o corpo saiu correndo pra vomitar, mas não chegou a tempo em casa

SEU IRANDIR

No momento em que eu e o Helio falávamos sobre ir ao apartamento ele vinha passando na portaria e chamamos pra ir conosco, de início relutou, mas como ele conhecia e frequentava a casa achamos que ele deveria ir mesmo

JOÃO PEDRO

Não pude ficar até vocês chegarem, tinha um compromisso inadiável e fiquei muito mal depois do que vi

CENA 13 - SALA DO APARTAMENTO DOS LIMINSKI/RECONSTITUIÇÃO
DELEGADO - INT. - NOITE

Na sala, em um lugar onde a família parecia manter uma espécie de altar de memórias familiares, há vários porta-retratos com fotos de Eduardo, Regina e de seu marido CARLOS LIMINSKI (58 anos) em vários momentos que passaram juntos. No chão há um porta-retrato quebrado sem a respectiva foto.

CENA 14 - SALA DE INTERROGATÓRIO/SEQUÊNCIA DE MONTAGEM -
INT. - NOITE

DR. DAVI

Carlos Liminski foi um artista muito famoso e teve seu auge durante os anos sessenta, mas acabou se perdendo em sua própria genialidade e depois foi internado por Regina

(CONTINUED)

HELIO

Desde que moro lá nunca vi o tal
marido dela

DONA CERES

Achei que era viúva

SEU IRANDIR

Pra mim ela era divorciada

JOÃO PEDRO

O Eduardo sempre falava do pai,
dizia que um dia seria tão bom ou
melhor que ele e seu nome seria
lembrado pra sempre

CENA 16 - BANHEIRO DO APARTAMENTO DOS
LIMINSKI/RECONSTITUIÇÃO DELEGADO - INT. - NOITE

No banheiro havia resquícios de sangue misturado com água
e sabão na pia. Olhando mais de perto, o Delegado observa
pequenos pedaços de tinta seca na pia próximo ao ralo e em
volta.

CENA 17 - SALA DE INTERROGATÓRIO/SEQUÊNCIA DE MONTAGEM -
INT. - NOITE

João continua impaciente com a insistência do delegado.
Dr. Davi continua calmo no que fala.

JOÃO PEDRO

Uma vez o Eduardo estava muito
louco e me disse que achava que o
pai dele tinha raiva deles, por
terem o internado

DR. DAVI

O início do tratamento foi muito
conturbado, mas depois ele
parecia ter superado seus
problemas, mas acabou fugindo

JOÃO PEDRO

Mas por que me pergunta tanto do
pai dele? Nunca o vi
pessoalmente, só por fotos...

CENA 18 - SALA DO APARTAMENTO DOS LIMINSKI/RECONSTITUIÇÃO
DELEGADO - INT. - NOITE

Após ver o sangue na pia e restos de tinta seca, o
Delegado averigua melhor e acha resquícios da mesma tinta
em alguns manequins próximos ao corpo de Eduardo.

O delegado olha seu relógio.

CENA 19 - SALA DE INTERROGATÓRIO/SEQUÊNCIA DE MONTAGEM -
INT. - NOITE

DR. DAVI

Ele tinha um atelier, que a
família ainda mantém, pelo o que
sei... fica no centro em algum
lugar meio escondido. Segundo o
que sei era assim que conseguia
criar

JOÃO PEDRO

Sim, já vi suas obras... na casa
do Eduardo, tinham várias
espalhadas pela casa

O delegado olha seu relógio.

CENA 20 - SALA DO APARTAMENTO DOS LIMINSKI - APÓS OS
INTERROGATÓRIOS - INT. - NOITE

O Delegado vai à cena do crime mais uma vez depois de ter
ouvido todos os depoentes. Procura por algo que deixara
escapar. Ele olha e analisa os quadros encostados nas
paredes da sala pintados e assinados por Carlos Liminski.
Chega perto do local onde estava o corpo de Eduardo em
frente a um móvel espelhado e vê bem no canto a assinatura
de Carlos Liminski com tinta.

CENA 21 - QUARTO DO APARTAMENTO DOS LIMINSKI - APÓS OS
INTERROGATÓRIOS - INT. - NOITE

Após ver a assinatura no canto do móvel, o Delegado vai ao
quarto onde Regina fora encontrada e percebe a mesma
assinatura no canto de um espelho em frente de onde estava
o cadáver.

O Delegado olha no relógio. Já passa das 2am.

CENA 22 - VIELA ESCURA NO CENTRO DA CIDADE - EXT. - NOITE

O Delegado, munido de aparatos para arrombamento vai até o
atelier de Carlos Liminski. O portão está destrancado. O
delegado adentra no local, o qual fica no subsolo de uma
galeria, protegido apenas por um portão enferrujado.

CENA 23 - ATELIER DE CARLOS LIMINSKI - INT. - NOITE

O local é bagunçado, sujo de tinta, abandonado e repleto
de objetos. Há ainda mais quadros de Carlos estocados no
local, protegidos por plásticos bolha que estão espalhados
também pelo chão. O delegado, com a arma em punho, entra
no local cautelosamente andando em direção a uma luz

(CONTINUED)

acessa no fundo do local, a qual não era possível de ser vista de fora.

Chegando próximo da luz, o Delegado ouve um barulho do plástico bolha estourando, no entanto não há tempo para uma reação e ele é atingido em cheio na cabeça.

CORTA PARA:

TELA PRETA

Ouve-se o som de um balde sendo enchido com água, bem ao fundo e se aproximando do estado de cheio. Até que cessa-se o enchimento.

CORTA PARA:

Homem desconhecido jogando um balde d'água no Delegado, que acorda amarrado a uma cadeira, ainda desnortado após ter recebido uma pancada na cabeça.

HOMEM

Arrogante demais achando que
poderia vir sem reforço policial
e pensando que seguia as pistas
certas... Reformulação na polícia
e separar laranjas podres? Sua
ganância pra subir na carreira
mexendo com as pessoas erradas
deu nisso. A alta cúpula te
mandou um presente...

CORTA PARA:

TELA PRETA

Som de uma arma disparando.